

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESP

CLASS. : 264

DATA : 11 12 90

PG. : 03

### Chanchada natureba

O julgamento dos dois acusados do assassinio do seringueiro Chico Mendes — Darli Alves da Silva, o possível mandante do crime, e seu filho Darci Alves Pereira, executor confesso —, amanhã, em Xapuri, Acre, já começa a reunir ingredientes para um verdadeiro circo ecológico.

Já em vida, o seringueiro foi transformado, principalmente no Exterior, em herói da preservação da natureza. Depois de abatido pela carga de chumbo de uma espingarda, no anoitecer de 22 de dezembro de 1988, aparentemente por causa de conflitos de terra, transformou-se numa lembrança que aos poucos envolveu conflitos de dinheiro entre ex-familiares e terceiros.

Ilzamar Mendes, a viúva, casou-se com o maior amigo do seringueiro assassinado, Júlio Nicácio, vereador do PT em Xapuri. O casal não deve se queixar de nenhum aperto financeiro, pois controla a Fundação Chico Mendes, cujas reservas, no valor de Cr\$ 17 milhões, provêm de doações reforçadas pela cessão dos direitos autorais para a produção de um filme sobre a vida do herói.

O controle da movimentação dessa fortuna não é de somenos importância, como podem pensar os ecologistas. Se fosse, não teria provocado duas disputas públicas da viúva: uma com Ângela, de 21 anos, filha do primeiro casamento de Chico Mendes, e a outra com Osmarino Amâncio, sucessor dele na presidência do Sindicato dos Seringueiros de Brasileia. Ilzamar está no centro de um circo armado em torno da memória de Chico Mendes.

O escritor norte-americano Andrew Revkin tira sua parte nessa herança ao usufruir dos direitos autorais de seu livro *Tempo de Queimada — Tempo de Morte*. Mas ele também não pode ser responsabilizado sozinho: muitos outros livros já foram publicados no Exte-

rior para aproveitar a moda da ecologia. Outro escritor, o jornalista brasileiro Zuenir Ventura, entrou na cena do julgamento de Xapuri na insólita condição de tutor da principal testemunha de acusação, o adolescente Genésio Ferreira da Silva.

A atriz Lucélia Santos tem compensado seu atualmente parco sucesso em televisão, teatro ou cinema com uma militância que mistura política com o consumo de um alucinógeno típico da Amazônia, conhecido como Santo Daimé. O advogado Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça do gabinete-sombra de Luiz Inácio Lula da Silva, passou a ocupar espaço nos jornais ao levantar vagas suspeitas, nunca apuradas e possivelmente condenadas ao esquecimento no futuro.

Uma padaria zen-budista aproveita o noticiário sobre o julgamento para vender biscoitos de castanha em Nova York, prometendo ajudar a salvar — com os lucros — o oxigênio que a Humanidade respira. Um grupo de artistas deslocou-se até Xapuri para encenar uma peça. No ambiente de chanchada natureba lá instalado dificilmente o próprio julgamento deixará de ser uma encenação da triste comédia do oportunismo dos homens, animais capazes de comercializar até o cadáver de um membro da espécie, sob o pretexto de lhe preservar a memória.

